

RESSURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicao
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

A' MARGEM

ESTAMOS VIVENDO no mundo momentos difíceis. Grandes potências europeias encontram-se em guerra. Uma delas a nossa aliada. Desnecessário se torna ao *Ressurgimento* nesta hora difícil que atravessamos marcar uma posição. Soldados disciplinados de Salazar, confiados plenamente na orientação do nosso Governo, sempre pusemos o nosso nacionalismo acima de tudo e logo abaixo de Deus.

Pede o Governo, na sua nota officiosa que noutro lugar publicamos, «mais calma, trabalho sério e maior disciplina e união».



DEFININDO O SEU grande desejo de neutralidade — neutralidade de todos os portugueses — o Governo vai tomando tôdas as providências para que se ressintam o menor possível as conseqüências da guerra. Tôda a acção que tenha como fim lançar a discórdia entre a família portuguesa — «nem recriminações estérteis nem vãs lamentações» — será, hoje, crime de traição. Bem sabemos que, aproveitando-se da ocasião, o *revivalho* — mais um crime a juntar a tantos outros — tenta criar o ambiente que se criou em 1914. Mas, felizmente para nós, o Estado é já outro, não se guia por camarilhas mas pelo interesse nacional. Quem manda é o Governo, só nos compete obedecer, manifestando-lhe a nossa plena confiança; quem assim não o fizer define-se.



MERECEM O APOIO de todos os portugueses as medidas tomadas pelo Estado contra os eventuais açambarcadores, assegurando assim o abastecimento normal do País.

A nota officiosa fornecida pelo gabinete do Sr. Ministro do Comércio e Indústria contém 4 capítulos que transcrevemos:

«1.º — O Governo pode afirmar, em face dos números que tem vindo a coligir, que o país tem as reservas necessárias de artigos fundamentais para a-pesar da emergência actual assegurar o abastecimento da população e fazer face às demoras de dificuldades que se encontrem nas aquisições a realizar no estrangeiro.

2.º — Através dos órgãos do Estado e da organização corporativa, tem o Governo meios de averiguar prontamente quaisquer manobras especulativas que, como atrás fica esclarecido, não têm fundamento. Essas especulações darão lugar,



Mais um ano e mais uma vez subirá à nossa risonha Penha que não é só estância de turismo, mas lugar de fé, uma peregrinação.

E o povo das aldeias, relicário precioso das virtudes e crença dos nossos avós, lá vem a caminho da cidade e daqui para a sagrada montanha, em manifestações contínuas de santa devoção. Pena é que a gente da cidade não tome parte, como devia, nesta grande romagem cristã. Com a inteligência asfixiada por uma civilização falsa e hipócrita, grande parte não se incorpora nela porque o pó da estrada é muito, e ficam-se à janela — em atitude de arraial pagão — a ver passar os verdadeiros crentes a caminho da montanha.

Assim tem sido os outros anos. Por um falso respeito humano, um comodismo burguês, deixam de ir nesta tam linda e comovedora peregrinação!

Não serás tu, cidade-berço da Nação Fidelíssima, crente também? Não terás ainda em teus moradores bons portugueses, porque são também bons crentes?

Oxalá que este ano, cidade e aldeias, animadas da mesma crença, não queirais ver nessa peregrinação só um lindo espectáculo, mas uma manifestação de Fé em que todos participem.

Vai a peregrinação em cumprimento dum voto feito no início da guerra de Espanha. Nesta hora grave que o mundo atravessa, rezemos à Virgem da Conceição, Padroeira de Portugal, Mãe de Misericórdia, para que nos lance mais uma vez as suas bênçãos e nos livre de dias de dor e luto, dando a Paz ao Mundo.

Salvé, Rainha, Mãe de Misericórdia e Padroeira nossa; rogai por nós, Mãe de Deus ::

A' MARGEM

quando verificadas, a aplicação do máximo das sanções legais.

3.º — Pelo que atrás fica dito se conclue que não tem a população necessidade de fazer reservas extraordinárias de produtos. Os que o fizerem trabalham contra o interesse geral e prejudicam a economia pública, porque a sua atitude pode vir a tornar indispensável medidas de restrição do consumo que o Governo não deseja tomar e que serão desnecessárias se o público mantiver calma e confiança suficiente.

4.º — Fazer economia nos consumos e evitar todos os desperdícios e gastos inúteis de quaisquer mercadorias e trabalhar pelo interesse geral.»



SEGUINDO A MESMA orientação a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau publicou uma nota idêntica:

«O abastecimento normal de bacalhau encontra-se perfeitamente assegurado, quer através das compras efectuadas no estrangeiro, quer ainda de bacalhau pescado pela frota portuguesa. Deve por conseqüência o particular abster-se de adquirir bacalhau em quantidades superiores às habituais, pois não há qualquer justificação para tal procedimento. Se, porém, o público verificar que o seu fornecedor declara não possuir este artigo, ou ainda que procura vendê-lo a preços superiores aos correntes, é convidado a comunicar o facto à Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, para que esta tome as providências que as circunstâncias exigirem. Não havendo qualquer motivo para escassez de bacalhau ou agravamento dos seus preços, a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau usará do maior rigor legal contra quem quer que pretenda contrariar neste particular e na hora grave que atravessamos as determinações do Governo português.»



ASSIM MAIS uma vez se marca a enorme distância que separa a mentalidade do Estado democrático de 1914 da de hoje — o Estado Novo é honesto.

Lêde e propagai

"Ressurgimento"

Ant. Silvino Almeida

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

15.º Domingo depois do Pentecostes

Evangelho (Luc., VII, 11-16).—Caminhava Jesus para uma cidade chamada Naím; e iam com êle seus discípulos e muito povo. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que já era viúva; e vinha com ela muita gente da cidade. Tendo-a visto, o Senhor, movido de compaixão para com ela, disse-lhe: «Não chores». E aproximou-se e tocou no esquife. (Os que o levavam param.) Então disse: «Moço, eu te mando: levanta-te». E sentou-se o que havia estado morto, e começou a falar. E Jesus o entregou a sua mãe. E de todos se apoderou o temor; e glorificavam a Deus, dizendo:

«Grande Profeta surgiu entre nós, e visitou Deus o seu povo». E a fama deste milagre correu por toda a Judeia e por toda a região em roda.

Homilia.—Paremos diante deste caixão. Quem é o morto? é um velho? é um pobre? Não; é um jovem, rico, na flor da idade, a quem tudo sorria, esperança e a vida da sua mãe.

Que é morrer? E' deixar tudo... E' dizer adeus a todas as cousas deste mundo, aos bens, às honras, aos prazeres, aos parentes, aos amigos, a este corpo tam estimado, a estas paixões tam lisongeadas!... E' ser abandonado de todos e separado de tudo... E' a separação da alma do corpo. A alma volta ao seu Criador para ser julgada, e depois recompensada ou punida, segundo as suas obras... o corpo volta à terra de onde saíu, para ser presa dos vermes. E' sofrer a sentença irrevogável proferida contra o pecado. E' passar do tempo à eternidade, isto é, ao céu ou ao inferno... Para os justos, é a libertação, é o fim dos males e o princípio de uma felicidade eterna;... para os pecadores, é

o termo dos gozos ilícitos e o começo de uma prisão sem fim, de um desespêro eterno.

Todos morreremos. A fé no-lo diz: A razão e a experiência no-lo demonstram todos os dias.

Vêde este defunto do nosso Evangelho: jovem, com fortuna e um futuro sorridente: mas morreu, e tudo acabou para êle... Vós todos morireis também... Vós, os que sois jovens, que tanto blasonais de vossa saúde e de vossas forças, que contaís com uma longa vida, vós morireis com certeza!...

Quando morireis?—Em que idade?... dentro de dez anos, de um ano, de um mês, amanhã, talvez hoje?... E' segredo de Deus. **De que género de morte morireis?**—De morte lenta ou súbita, da peste, de uma doença ordinária, de um acidente, um naufrágio, duma catástrofe?... E' segredo de Deus.

Em que lugar morireis?—Em vossa casa, ou em viagem, trabalhando, dormindo, orando, ou no próprio acto do pecado?... E' segredo de Deus.

Mas, sobretudo, em que estado morireis? No estado de graça, ou de pecado?... Em pleno conhecimento, ou sem conhecimento?... Tereis tempo de chamar o padre, de vos confessardes, de receber os últimos Sacramentos? **Nescitis... Vigilate...** Para onde a árvore cair, aí ficará... Ordinariamente tal vida, tal morte! Da vida depende a morte, e da morte a eternidade. Que meio eficaz de evitar o pecado e de viver santamente!... Se soubésseis que estáveis prestes a morrer, ousaríeis cometer o pecado?...

Ponde depressa ordem nos negócios da vossa alma... Não fiquéis nem um dia em estado em que não queirais morrer... Boa confissão, restituições e reparações necessárias. Vivei cada dia como se fôsse o último de vossa vida.

CASAMENTO

No passado dia 31 de Agosto realizou-se na capela particular da Quinta de S. Pedro da Veiga de Penso o casamento da sr.^a D. Adília Alves Antunes Machado, filha da sr.^a D. Maria Alves Antunes Machado e do sr. José Antunes Machado, já falecido, com o sr. António Oliveira, importante industrial da freguesia de Mugege. Parafinaram ao acto a mãe da noiva e seu primo sr. Joaquim Monteiro. Foram caudatários os filhinhos gentis do sr. Monteiro e a menina Maria do Carmo Garcia Monteiro.

Ao acto, que revestiu certa imponência, foi presidido pelo rev. padre António Silva Gonçalves, dignissimo pároco das Caldas das Taipas, de onde a noiva é natural.

EMPRESTIMO

Foi concedido o empréstimo de 3.500 contos, previsto no orçamento camarário, o que muito nos alegra.

Convocações militares

São convocadas as praças do batalhão de caçadores 9 e do regimento de artilharia ligeira 5, da classe de 1936, residentes na área do concelho de Guimarães, a apresentarem-se nos respectivos quartéis daquelas unidades até às 6 horas do dia 2 de Outubro, fazendo-se acompanhar das suas cadernetas e dos artigos de uniforme que lhe foram distribuídos, e com o cabelo cortado.

As praças do regimento de artilharia 5 devem comparecer com a maior urgência possível na secção policial da Câmara deste concelho, a fim de levantarem as requisições de transporte do caminho de ferro.

Capitão Henrique Galvão

Esteve nesta cidade a tratar de assuntos que se prendem com as comemorações centenárias o sr. capitão Henrique Galvão, que de novo aqui virá em Setembro.

NOTICIÁRIO

Aniversários

Dia 9—D. Maria Cristina de Almeida Carneiro e Rodrigo Lôbo Machado Cardoso de Menezes.

Dia 15—Manuel de Castro Ferreira.

Sociedade

Partiu para a Póvoa de Varzim, com sua ex.^{ma} família, o sr. tenente-coronel Francisco Martins Ferreira

—Para a citada praia partiu também a ex.^{ma} sr.^a dr.^a Edviges Machado.

—Para Tavira, onde vai cursar a escola de Sargentos Milicianos, seguiu o nosso amigo Manuel de Castro Ferreira.

—Na sua propriedade de Matas, encontra-se, com sua família, o sr. Joaquim da Silva Xavier.

—Partiu para as suas propriedades de Celorico de Basto, com sua família, a sr.^a D. Antónia Passos Teixeira Bastos.

—Para a Póvoa de Varzim partiu, acompanhado de sua família o sr. dr. Francisco Moreira Sampaio.

—Da Póvoa de Varzim regressaram os ex.^{mos} srs. Jerónimo Sampaio, dr. Américo Durão, dr. Raúl Alves da Cunha, Alberto Vieira Braga, dr. Bomfim Martins Gomes, Rodrigo Pimenta, Francisco de Assis Costa Guimarães, João Mendes Fernandes, Amadeu C. Penafort, Alberto Pimenta Machado, dr. Mário Dias Pinto de Castro, Belmiro Mendes de Oliveira e Manuel Mendes de Oliveira.

—De Vila do Conde regressou, com sua família o sr. dr. Augusto Ferr. ira da Cunha.

—De Leça da Palmeira regressou o sr. Antão de Lencastre.

—Regressou de Ancora, com sua família, o sr. dr. José Maria de Moura Machado.

—Com sua família, encontra-se na Penha, o nosso amigo e distinto escultor, sr. António Azevedo.

—Na Póvoa do Varzim encontra-se bastante doente o nosso amigo sr. João Barreira.

—A passar as suas férias encontra-se na mesma praia o nosso grande amigo engenheiro Duarte do Amaral, acompanhado de sua ex.^{ma} família.

—Cumprimentamos nesta cidade o sr. Aníbal Augusto Martins, pai do nosso amigo sr. Aníbal Augusto Martins Júnior.

—Também cumprimentamos o amigo sr. Leonel Viegas Pargana.

—Regressaram da Póvoa de Varzim, com suas famílias os srs.: dr. Leopoldo Martins de Freitas, Alberto Vieira Braga, dr. Américo Durão, Rodrigo Pimenta, A. L. de Carvalho, Alberto Campos da Silva e Costa, Domingos Pereira Mendes, Alberto Mendes de Oliveira.

Em férias

Encontra-se nesta cidade o sr. Major António do Quadro Flores, do R. I. n.º 10.

—Parte para a Póvoa de Varzim, acompanhado de sua família, a sr.^a dr.^a D. Edviges de Azevedo Machado.

—Encontra-se em Vila do Conde

com sua família o nosso amigo sr. Domingos Leite de Castro.

—Nesta cidade também se encontra o aspirante Carlos Herculano Meireles Amado.

Falecimentos

Faleceu, com pouco mais de ano e meio, o menino Alberto Osvaldo, estimado filhinho da sr.^a D. Deolinda Gonçalves Lima Laranjeiro e do nosso amigo Alberto Laranjeiro dos Reis.

No funeral tomou parte muita gente e a chave do caixãozinho foi entregue ao sr. Amadeu da Costa Carvalho.

—Nas suas propriedades em Fareja, finou-se o sr. Arnaldo Artur da Silva Carneiro, filho do sr. António Augusto da Silva Carneiro e irmão dos srs. dr. António da Silva Carneiro Júnior, ilustre magistrado e dr. Alberto da Silva Carneiro, proprietário.

A família dorida apresentamos condolências.

Nascimento

Deu à luz uma criancinha do sexo feminino, a digníssima esposa do sr. Carlos Teixeira Pinto.

Instrução

Previnem-se todos aqueles que queiram frequentar a Escola Comercial e Industrial de «Francisco de Holanda» de que a matrícula está aberta de 1 a 20 de Setembro.

Baptizado

Realizou-se o baptizado do filhinho do nosso ilustre colaborador sr. dr. José Francisco dos Santos, sendo padrinhos o sr. tenente Augusto dos Santos e sua ex.^{ma} esposa. Recebeu o nome de Manuel António.

Garraiada

Decorreu com animação e graça a garraiada.

O cavaleiro portou-se muito bem, tendo momentos muito felizes em sortes esplêndidas.

Os garraios também não se portaram mal e eram já barbados... o que para os bandarilheiros era motivo de confusão com gigantescas locomotivas — para não ficarem esmagados por tam pesados rodízios efectuaram-se perfeitíssimas retiradas estratégicas.

Zé da Cunha, não agarrou o touro à unha... mas conseguiu espetar um par de farpas, que não caíram

Nuno Almeida também conseguiu fazer uma vez a mesma proeza. De resto, para poupar, era costume uzar-se uma farpa só. O Manuel Novais nem parecia ter como profissão lidar com flores.

A surpresa teve plada mas foi pena que o touro fôsse manso. Assim até o Manuel do Café teve coragem.

Mas, para ser completa, só as mós-cas lhe faltaram. De resto palmas, gritos, assobios, gargalhadas — com o pó e o calor — não faltaram. Pena foi que o sr. Luciano Moreira não assistisse para incitar física e moralmente os valentes.

MEDIDA ACERTADA

Vemos nos jornais que a Câmara Municipal de Guimarães, em sua sessão de 25 de Agosto findo, deliberou, entre outras cousas, « pôr em arrematação a pavimentação a paralelepípedos e renovação de passeios da primeira zona principal da cidade, compreendendo a praça D. Afonso Henriques, largo 28 de Maio, jardim público (lado norte) e rua de Santo António, pela quantia de 340.000\$00, devendo a obra começar-se depois de ser participada pelo Estado ».

Não podemos deixar de aplaudir calorosamente a parte fundamental desta deliberação: *mandar a Câmara pavimentar a paralelepípedos e renovar os passeios de parte mais frequentada da cidade.*

Ninguém poderá negar que esta obra é duma necessidade palpável e todos lhe reconhecerão a maior oportunidade. Realizando-se aqui no próximo ano, com o luzimento que o decoro nacional exige e que o brio de Guimarães vai por certo realçar, o primeiro acto das festas centenárias da independência e restauração de Portugal é indispensável que Guimarães se apresente nessa ocasião aos seus hóspedes e visitantes como cidade renovada e progressiva tanto quanto possível ao menos naquela parte que se considera a sua sala de visitas e na vizinhança dela.

Dentro das normas que nestas colunas temos defendido, também não podemos negar nosso aplauso muito sincero à vereação por ter deliberado requerer a participação do Estado para esta obra de vulto. Está ela orçada em 340 contos, perto de metade das disponibilidades anuais da Câmara para despesas extraordinárias. Não conhecemos o orçamento, mas é de supor que o custo de mão de obra se aproxime, se não exceder, de 30 p. c. do total. Ora, como o Estado pode participar com o máximo de 50 p. c. se a mão de obra atingir, ou exceder, essa percentagem da despesa total orçada, é de esperar que no caso presente contribua com tódá a despesa da mão de obra ou seja 30 p. c.

Custando os melhoramentos projectados 340 contos, contribuiu a Câmara com 238 contos e o Estado com 102. É uma centena de contos que o município economiza.

Acontece, porém, que, entre o pedido da participação e a sua concessão medeia geralmente um espaço às vezes considerável.

Talvez os leitores não saibam que o projecto da obra, que agora está em vias de concluir-se na rua de Paio Galvão, foi enviado ao Ministério das Obras Públicas e Comunicações para ser participado em princípios de 1936. O despacho pelo qual lhe foi concedida a participação requereida só foi dada ao cabo de três anos.

Sendo, pois, natural conter com demoras com que se não compadece a obra projectada a que nos estamos a referir, lembramos à Câmara a necessidade que há de se empregarem diligências especiais para que se vençam depressa as habituais delongas.

Calculamos que será essa a disposição em que se encontra a vereação com o seu ilustre presidente. Doutra forma mal se compreenderia que a obra fôsse já posta em arrematação. Não era decoroso que depois de arrematada se esperasse dois ou três anos para a executar.

APONTAMENTOS

Monumento a D. Nuno Alvares Pereira

A mentalidade nova que inspira a vida portuguesa tende a integrar tódas as nossas manifestações culturais e artísticas nas directrizes impostas pela verdade histórica.

Em consequência desta rectificação de conceitos a fobia do endensamento das figuras representativas das lutas fratricidas cedeu o passo à justa glorificação dos Heróis Nacionais.

Nestes novos motivos da nossa actividade escultural e pictórica reflecte-se a política de unidade que, em substituição da partidária, orienta Portugal conforme os seus objectivos tradicionais de nação imperial, longo tempo obscurecidos pelo desvairamento liberalista.

Depois de delineada a consagração de tantos vultos nacionais, restava perpetuar no bronze e no mármore Nun'Alvares, suprema personificação do amor pátrio.

Por iniciativa da Câmara Municipal de Abrantes souu a hora da glorificação do Condestável do Reino. A escólha do local merece o aplauso de todos os portugueses.

Se não fôsse a atitude firme e inquebrantável de D. Nuno Alvares Pereira contrabalançar as hesitações do Conselho de Abrantes, quando o invasor castelhano já pisava o chão sagrado da terra portuguesa, talvez a nossa História registasse, em vez do feito memorável de Aljubarrota, o labéu da servidão.

Em face destes factos decisivos para a nossa vida de independência, decorridos em Abrantes, depressa se reconhece que militam fortes razões em abôno da erecção do monumento a Nuno Alvares naquela cidade.

Manifestaram já o carinho e patrocínio que esta resolução da Câmara de Abrantes lhes suscitou, o venerando Bispo da Diocese, o sr. Ministro das Obras Públicas e a Imprensa diária.

Na verdade, só com o concurso de tódá a Nação este monumento pode atingir a grandiosidade condigna da figura que consagra.

À cidade de Guimarães, sempre ligada, por imperativo da sua condição de terra-mater de Portugal, a tódas as iniciativas que nesta hora de ressurgimento visam ao robustecimento do sentimento nacionalista e exaltação

do amor pátrio não deve, ou melhor, não devia, alhear-se deste movimento, em boa hora iniciado, de homenagem ao vencedor da crise de quatrocentos.

Se as largas despesas das próximas comemorações centenárias obrigam a Câmara de Guimarães, durante este ano, a rígidas economias, limitando os seus gastos ao estritamente indispensável, este facto, no entanto, não justifica a recusa de um subsídio, por pequeno que fôsse, para a construção do monumento a D. Nuno Alvares Pereira, expoente máximo do patriotismo lusitano. A nossa admiração pelo heróico Condestável lamenta o indeferimento que a edilidade vimaranense após à circular da sua congénere de Abrantes.

Tenhamos sempre presente que D. Nuno Alvares Pereira não pertence a qualquer recanto de Portugal, mas sim, a tódá a Nação.

A POPULARIDADE

Quando um dirigente da governança pública, seja amplo ou restricto o sector da sua acção, se deixa seduzir pela vã ambição da popularidade, difficilmente cumpre bem o mandato da sua missão.

E, a maior parte das vezes, illusório e enganador, o arruído dos aplausos com que a multidão envolve, por momentos, os dirigentes da governança.

Os que andam à cata destes louvores, e nêles buscam o prémio do seu esforço, desorientam-se e perdem a visão calma e firme das realidades a enfrentar. O galardão da actividade pública está apenas no fôro da consciência. Os inelutamentos da multidão são muitas vezes irreflectidos.

Mas, afinal, o que é, na sua substância, o significado de multidão?

Quási sempre a pretensa multidão cifra-se, apenas, no vozear da minoria que, pela exuberância das suas falas e largueza dos seus gestos, dá-nos a impressão de extensa falange.

Todo o bom dirigente é inimigo da popularidade. Cuidado, pois, com os aplausos das galerias.

H. A.

A NEUTRALIDADE DE PORTUGAL

O Governo dirige ao País a seguinte proclamação:

« Apesar dos incansáveis esforços de eminentes chefes de governo e da intervenção directa de chefes de muitas nações, eis que a paz não pôde ser mantida e a Europa mergulha de novo em dolorosa catástrofe. Embora se trate de teatro de guerra longínquo, o facto de irem defrontar-se na luta algumas das maiores nações do nosso continente — nações amigas e uma delas aliada — é sufficiente para o grande relêvo do acontecimento e para que dele se esperem as mais graves consequências; não só se lhe não pode ficar estranho pelo sentir como há-de ser impossível evitar as mais duras repercussões na vida de todos os povos.

Felizmente, os deveres da nossa aliança com a Inglaterra, que não queremos eximir-nos a confirmar em momento tão grave, não nos obrigam a abandonar nesta emergência a situação de neutralidade.

O Governo considerará como o mais alto serviço ou a maior graça da Providência poder manter a paz

para o povo português e espera que nem as intenções do país, nem a sua dignidade, nem as suas obrigações lhe imponham comprometê-la.

Mas a paz não poderá ser para ninguém desinteressada ou descuidada indiferença. Não está no poder de homem algum subtrair-se e à Nação às dolorosas consequências da guerra duradoura e extensa.

Tendo a consciência de que aumentaram muito os seus trabalhos e responsabilidades, o Governo espera que a Nação com êle colabore na resolução das maiores dificuldades e aceite da melhor forma os sacrificios que se tornarem necessários e se procurarão distribuir com a equidade possível.

A todos se impõe viver a sua vida mas agora com mais calma, a maior disciplina e união; nem recriações estêreis nem vãs lamentações porque em muito ou pouco fique prejudicada a obra de renascimento a que metêramos ombros. Diante de tão grandes males faz-se mister animo forte para enfrentar as dificuldades; e da prova que ora der, sairá ainda maior a Nação.

O GOVERNO.

A' MARGEM

SÃO PASSADAS as festas da cidade. Na serenidade das cousas passadas sobre as mesmas festas faremos breves comentários. Publicou o *Ressurgimento* o programa completo das Gualterianas em número anterior às Festas e algumas notas ligeiras; publicou, passadas as festas, o relato mais completo, que nos ocupou grande parte do jornal, das mesmas. E se mais se não fêz antes, e se mais não se fêz depois, os nossos afazeres profissionais, a nossa resi-

dência em outras terras, tornaram-no impossível.

Essa a única razão.



PUBLICAMOS O PROGRAMA, publicamos o relato das festas — e que mais era preciso?

Só não dedicamos adjectivos ao sr. Silvino Alves de Sousa. Seria essa a razão porque nos não enviaram convite para as touradas?

Colónia balnear

Já partiram para a Póvoa de Varzim as criancinhas que fazem parte da colónia de férias dos sindicatos nacionais.

Dr. Feliciano Ramos

Pelo sr. dr. José Francisco dos Santos foi empossado do cargo de reitor do nosso liceu o ilustre ensaísta e crítico sr. dr. Feliciano Ramos.

BREVE COMENTARIO A UMA CARTA CURTOSA

Em 8 do mês passado publicou o *Western Morning News*, de Plymouth, a seguinte carta que ao seu director foi endereçada por um leitor:

«Ex.^{mo} sr. director — Acerca do seu artigo sobre as frentes económicas, onde V. comenta o discurso de «lord» Samuel e a limitada capacidade dos ditadores no que respeita a finanças, permita-me que lhe lembre que há na Europa, hoje, um ditador — o ditador de Portugal, Salazar — que equilibrou o orçamento do seu país, realizando prodígios a favor do seu povo e mantendo as mais amigáveis relações com os países vizinhos.

O que é para lastimar é que, na opinião de tanta gente, a palavra «ditadura» não se possa dissociar dos regimes de Hitler e Mussolini.

Talvez se conhecesse melhor no Mundo a bela obra de Salazar se não fôssem a sua modéstia e a sua discreção — virtudes, de resto, que o tornam querido dos portugueses. Agosto, 8. Phyllis Carew ».

Esta carta é um documento curiosíssimo e que revela nitidamente que no Estrangeiro há hoje muito quem siga com atenção a política portuguesa e os actos e palavras do Chefe do Governo, comparando-os com os de outros Chefes que governam poderosos estados europeus.

O sr. Phyllis Carew não deve ser um inglês mediano; revela-se mesmo bastante culto; mas isso não é mesmo significativo, sabido como o inglês médio, regra geral, não se interessa senão relativamente pela política inglesa e pela projecção que sobre a sua liberdade individual ela possa vir a ter. O autor da carta é, pois, pessoa que segue com atenção o que vai pelo mundo, mas não se limita a tomar conhecimento do que diz a gazeta. E o que se refere à obra de Salazar éle deve sabê-lo por livros que deve ter adquirido voluntariamente para conhecer directamente o que precisava de saber. E a sua carta tem por fim não só corrigir uma afirmação ousada, mas também fazer justiça ao «ditador» português.

Como homem ilustrado e culto, éle insurge-se contra o facto de não se dissociar hoje a palavra *ditadura* dos nomes de Hitler e de Mussolini. E tem sido talvez esse erro que faz com que ainda hoje na Inglaterra haja quem suponha que Portugal é uma ditadura do tipo fascista ou nacional-socialista. Daí mal-entendidos e incompreensões que muito contribuíram para que tantos ingleses cultos supuzessem errado o caminho que Portugal tomou logo no início da guerra de Espanha.

Mas apesar de tudo é consolador que um inglês, não já de Londres, coração do Império Britânico, mas de Plymouth, cidade de segunda ordem, venha chamar a atenção dos seus concidadãos para a obra do homem que desde 1928 está ao leme das finanças portuguesas e deseje que o mundo a conheça melhor, não obstante a modéstia e a discreção do Ministro ilustre.

Realmente e sem orgulho nacional pode afirmar-se com afoiteza que se o mundo ouviu a palavra de Salazar e lhe seguisse o conselho em muitas circunstâncias, não perigaria a paz e ha-

Impressões de viagem

Ver, ouvir e anotar

Quando um combóio ou um barco nos deixam numa terra desconhecida, quer já tenhamos passado vales amenos ou agressivos, montes boleados ou ladeiras escarpadas, quer tivéssemos sofrido a monotonia rumorejante do mar — os olhos atentam para melhor ver, os ouvidos para melhor ouvir e a mão prepara-se trememente para melhor anotar.

Quer o nosso espírito se tenha fatigado da própria variedade, quando já olhamos indiferentes a sucessão das paisagens novas, na côr, opostas na forma, inesperadas nos contornos longínquos, quer quando enfastiados atravessamos a solidão do oceano, insensíveis à variedade múltipla das vagas que o mar parece exhibir somente para nos distrair os olhos, fixos ao longe, desejosos dum perfil enevado da ilha, dum forma que se destaque do azul por vezes luminoso das águas e do azul tantas vezes embaciado do céu: rocha, navio, terra distante — uma cidade desconhecida que nos atrai mesmo quando vimos fatigados de variedade ou quando estamos entediados de monotonia. O desconhecido mata o tédio e afasta a fadiga, porque os olhos supõem a existência dum côr ignorada ou dum forma imprevisível e os ouvidos uma melodia ainda não escutada.

Aquêles que viaja não deve ter somente o desejo de ver, mas também o de procurar nas paisagens, nos monumentos, o divino encanto de sentir.

Raros são aquêles que procuram numa cidade a revelação do espírito das gerações que a ergueram, que nela deixaram o vestígio revelador da sua passagem e, nêle, a manifestação das suas possibilidades, das suas preferências, das suas tendências e das suas ambições. Passada a fronteira ou aparecido no longe marinho o primeiro e esfumado vestígio da terra, o viajante iludido julga que é diferente, novo, inesperado o que os seus olhos vão ver: vida, costumes, arte. E a atracção invencível do desconhecido

accionando-lhe a imaginação. Mas, após o primeiro olhar inquieto, curioso e ávido, o viajante decepcionado vê que na terra alheia nem tudo é inédito, bizarro ou diferente. E logo pensa: não é esta a cidade que pode dar a sensação almejada do estranho, não é este o país que me pode despertar a sensação da variedade, não é este o povo que me pode provocar admiração, tal como um Don Juan exclama depois de ter amado uma mulher: não é esta que me pode dar a verdadeira sensação do amor. A atracção do desconhecido fê-lo esquecer que numa cidade como numa casa, num indivíduo alguma cousa se esconde ao primeiro olhar, à primeira curiosidade.

Mas, como se pode amar sem se possuir um espírito donjuanesco, pode-se viajar sem ser viajante. O viajante e o viajado têm algo de comum, a curiosidade, mas naquele ela torna-se inquietação, sofreguidão, superficialidade, neste a curiosidade é contemplação, observação e estudo. Ser viajado não é ter saltado do combóio em muitas cidades, ultrapassado muitas fronteiras, ancorado em muitos portos. Ser viajado não é ter ouvido falar muitas línguas, ter sido empurrado por multidões variadas e ter percorrido museus apressada ou lentamente, sem uma comoção. Ser viajado é ter realizado um esforço considerável para a compreensão da arte, da mentalidade e da cultura dos povos que nos recebem, é ter tentado interpretar a expressão dum cidade e ter compreendido uma palavra pelo menos do que as paisagens nos dizem pois que elas, apesar de mudas como os olhos, sabem falar, dizendo por vezes o que os ruídos dum cidade não sabem dizer ou não deixam ouvir.

Para se ser viajado é preciso saber ver, ouvir e perscrutar.

E depois de algo ter ouvido, visto e perscrutado do que aos outros escapou, é que se pode anotar.

Louvain (Bélgica), Abril de 1937.

FRANCISCO ALDÃO.

Grande Peregrinação à Penha

Presidida pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Arcebispo Primaz, realiza-se amanhã, para implorar de Nossa Senhora a conservação da paz no mundo inteiro, a grande peregrinação à Penha.

Programa:

Às 8 e meia horas, organização da grandiosa peregrinação, presidida pelo mesmo ex.^{mo} prelado, que às 9 horas em ponto dará a bênção aos peregrinos para imediatamente seguirem pelas ruas da cidade, Arcela e estrada da Penha, por Belos-Ares, onde se associarão então numerosos peregrinos das freguesias de Fafe e Felgueiras, com S. Torcato, Atães, S. Romão e outras.

Será conduzida a valiosa imagem de Nossa Senhora que ficará colocada na capela-mor do Santuário, já reconstruída.

Na Penha, missa campal dialogada e alocução pelo ex.^{mo} prelado.

Às 16 horas, no Santuário Eucarístico da Penha haverá um Côro falado executado por cerca de 400 associa-

De luto

Pelo falecimento de seu cunhado e tio o sr. capitão de mar e guerra António Augusto de Sequeira Braga, encontram-se de luto a sr.^a D. Emília Adelaide Martins de Sequeira Braga e seus filhos D. Maria José, D. Maria Lúcia, D. Maria Amélia, João Miguel e José António Martins de Sequeira Braga (Aldão), bem como o sr. Alberto Costa. Os nossos cumprimentos de pesar.

Visado pela Comissão de Censura

das da Juventude Católica Feminina, exposição e bênção do Santíssimo Sacramento.

Em recinto reservado poderão estacionar automóveis e caminhetas sob a guarda de pessoal competente.

Haverá também local próprio para guarda de objectos.

Durante o dia haverá carreiras de caminhetas para a Penha.

Na linha da Companhia do Norte haverá combóios extraordinários.

BREVE COMENTARIO A UMA CARTA CURTOSA

veria bastante menos infelicidade. O exemplo de Salazar não é exclusivo de Portugal, como o fascismo italiano ou o nazismo alemão; aplicada a sua doutrina a qualquer povo em mais de noventa por cento dos casos os resultados benéficos seriam análogos. Desde que a par da compressão de despesas se expulsa do poder os ambiciosos e os políticos profissionais, e se aplique as receitas orçamentais a obras construtivas em todos os campos, é evidente que a paixão de cada país se modificará de modo semelhante. E se as suas teorias políticas se aplicarem, ainda no país mais democratizado, naturalmente que se operará modificação semelhante.

Claro que a doutrina de Salazar não é panacea para uso de todo o mundo; tampouco é exclusiva de Portugal. Ela assenta em bases universalistas, como o Cristianismo, e pode aplicar-se, por isso, em qualquer parte desde que a compreendam tal como ela é.

Um exemplo frisante o comprova. A quando da entrada da U. R. S. S. na S. D. N., Portugal protestou. Conosco só protestou a Suíça, mas tais protestos, embora ouvidos, não foram considerados. Os resultados viram-se daí a pouco. Só então se compreendeu que «tinhamos razão quando, opondo-nos à entrada dos soviets em Genebra, pretendíamos preservar a Sociedade das Nações da infiltração comunista e salvar, se não no seu estatuto, ao menos na essência, para base de futuras construções, os princípios da igualdade dos Estados, do respeito pela sua independência, da sua colaboração amigável e da superioridade do direito que todos podem ter em relação à força de que só alguns dispõem».

Rebenta a guerra de Espanha e, logo no seu início, Salazar chama a atenção do mundo para a necessidade de lhe pôr rápido termo e evitar que o bolchevismo alastrasse na Península. Passam três anos e só então o mundo compreendeu que «tinhamos razão quando, chamando a atenção do Mundo para a verdadeira índole da guerra de Espanha, procuramos mostrar à Europa quanto o seu equilíbrio poderia ser prejudicado com a intervenção das potências e como a única solução razoável e feliz teria sido rápida a vitória nacionalista sem auxílios estranhos».

E cada momento que passa vai mostrando que a razão está sempre do lado do «ditador» português. E porque assim o compreendeu é que o sr. Phyllis Carew chamou a atenção dos seus concidadãos para este «ditador que equilibrou o orçamento do seu país, realizando prodígios a favor do seu povo e mantendo as mais amigáveis relações com os países vizinhos».

Mas o Mundo não ouvirá a sua voz, como não tem querido, em várias emergências, ouvir a do próprio Salazar, que, no meio das preocupações próprias da alta missão que tem a cumprir em Portugal, encontra ainda oportunidade para chamar o Mundo à razão. E não tenho receio de desmentido se afirmar que neste século um dos homens que mais desinteressadamente têm trabalhado pela paz, esse tem sido Salazar.